

APAI NEWSLETTER n.º 6

Editorial,

Nesta primeira Newsletter APAI de 2021, mostramos como a nossa Associação está activa e cheia de projectos – actividades que os nossos sócios têm desenvolvido mesmo com mais um confinamento, de que agora vamos cautelosamente saindo.

O investimento na organização e catalogação do nosso arquivo e biblioteca também continua e tem revelado materiais muito interessantes. Conheça alguns deles nesta newsletter: um conjunto de placas fotográficas em vidro, tratadas pelo fotógrafo Nuno Almendra e contextualizadas pelo arqueólogo e historiador Jorge Custódio. É um estudo técnico e histórico, em várias partes, que continuará a conhecer nas próximas edições.

2021 é também o Ano Europeu do Transporte Ferroviário – o Grupo de Trabalho de Património Ferroviário da APAI preparou-nos um plano de atividades diverso. Siga-os no website e aproveite para conhecer melhor a Carta de Riga neste número da newsletter.

Destaque também para a nossa nova parceria com o Museu do Relógio, em Serpa e Évora, que nos traz o artigo sobre a recente entrada da arte relojoeira na Lista Representativa de Património Cultural Intangível da Humanidade. Juntos continuaremos a delinear estratégias para promover os interesses e paixão dos associados da APAI e dos mais de 3.000 “Amigos do Museu” - muitos dos quais são autênticos “arqueólogos industriais” a vasculhar feiras e antigas relojoarias para registo, arquivo ou restauro de relógios de outras gerações!

Para este ano estamos a estabelecer parcerias para que os sócios da APAI tenham descontos na visita a museus da indústria por todo o país, apenas através da apresentação do seu cartão de sócio actualizado. Daremos mais notícias em breve. Entretanto lembremos que o sector cultural e os museus têm sofrido uma grande quebra de rendimentos, fruto destes encerramentos e da diminuição de turismo. O Museu do Relógio, por exemplo, sofreu uma quebra de 90% de visitantes em 2020. Com os museus a reabrirem no próximo dia 5 de abril, porque não ir ver a coleção e levar um relógio antigo que há muito tenha para restaurar?

Como sempre, contacte-nos e participe activamente!

Leonor Medeiros
Presidente da Direção

NEWSLETTER APAI

n. 6, março 2021

ISSN 2184-0962

Coordenação editorial:

Carla Gonçalves

Edição:

Breno Borges

Revisão:

José M Brandão

**Associação Portuguesa de
Arqueologia Industrial:**

<http://apaiassociacao.wixsite.com/apai>

Morada: Rua Tenente Espanca 40A
1050-224 LISBOA

E-mail:

apai.secretariado@gmail.com

Imagem de capa: Breno Borges



Siga-nos no:



2021 ano Europeu do Transporte Ferroviário

MEMÓRIA E PATRIMÓNIO

A CARTA DE RIGA

A Comissão Europeia propôs tornar 2021 o Ano Europeu do Transporte Ferroviário, a fim de apoiar a realização dos seus objetivos do Pacto Ecológico Europeu no domínio dos transportes. E porquê 2021? Neste ano assinalam-se o vigésimo aniversário do primeiro Pacote Ferroviário, o 175º aniversário da primeira ligação ferroviária de sempre entre duas capitais da UE (Paris- Bruxelas), assim como os 40 anos do TGV e os 30 anos do ICE.

O transporte ferroviário é não só respeitador do ambiente e eficiente do ponto de vista energético, mas é, também, o único meio de transporte que reduziu quase continuamente as suas emissões de CO2 desde 1990, ao mesmo tempo que aumentou os volumes de transporte. O transporte ferroviário interliga as pessoas, as regiões e as empresas em toda a UE. Além disso, constitui prova da competência técnica europeia e faz parte do nosso património e cultura europeus.

Em 16 de abril de 2005 em Anse, perto de Lyon, na reunião anual dos membros da FEDECRAIL (Federação Europeia de Caminhos de Ferro Históricos e Turísticos), foi adaptada por unanimidade a Carta de Riga, a qual tinha sido proposta anteriormente na capital da Letónia.

A **Carta de Riga** é uma declaração de princípios que orientam a conservação, o restauro, a manutenção, a reparação e a utilização do equipamento histórico ferroviário que é alvo de intervenção.

Só assim as gerações vindouras aprenderão a respeitar o passado num objeto de vivência presente, projetando esse mesmo objeto, no futuro.

O Património Ferroviário referido nesta Carta, pode também incluir ferrovias históricas ou preservadas, museus ferroviários e vias para elétricos, trabalhos ferroviários, elétricos de museus e ferrovias turísticas, e pode estender-se aos comboios que estão ativos na rede nacional. Também o Equipamento Ferroviário, referido nesta Carta, pode incluir edifícios e infraestruturas que fazem parte da vivência ferroviária.

O Património Ferroviário deve refletir não apenas a sua importância como sistema de transporte, mas também, quando apropriado, a sua origem histórica e o seu impacto na comunidade. Se queremos ter futuro no transporte ferroviário não podemos, hoje, esquecer o seu passado.

Luís Filipe Lopes, Mestre em Museologia

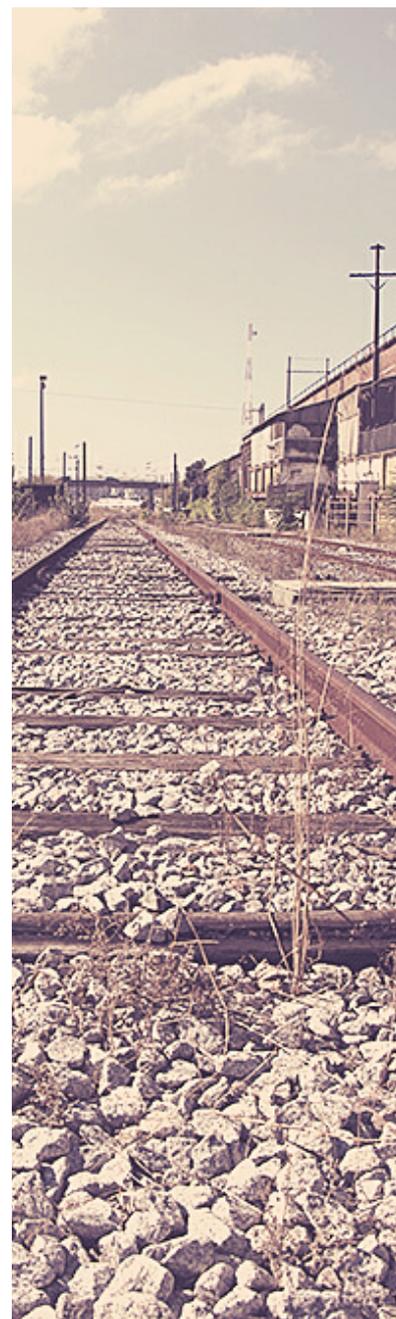


Imagem: Breno Borges

BIBLIOTECA

E ARQUIVO

No seguimento dos trabalhos realizados na Biblioteca & Arquivo APAI, foi identificado um conjunto de 16 clichés em vidro com imagens fascinantes de espaços, momentos e objectos, que nos deixaram cheios de questões. Felizmente podemos contar com os nossos associados para extrair as histórias destes clichés: o fotógrafo Nuno Almendra transformou os negativos em fotografias de elevado detalhe, e o historiador e arqueólogo Jorge Custódio contextualizou a sua presença no arquivo da APAI e abriu portas à História e às histórias que elas contam. Durante os próximos números contaremos essas histórias na seção da newsletter OLHARES SOBRE O PATRIMÓNIO.

Leonor Medeiros



Imagem 01: Negativo em suporte de vidro grande formato.



Imagem 02: Fotografia extraída do negativo em suporte de vidro.

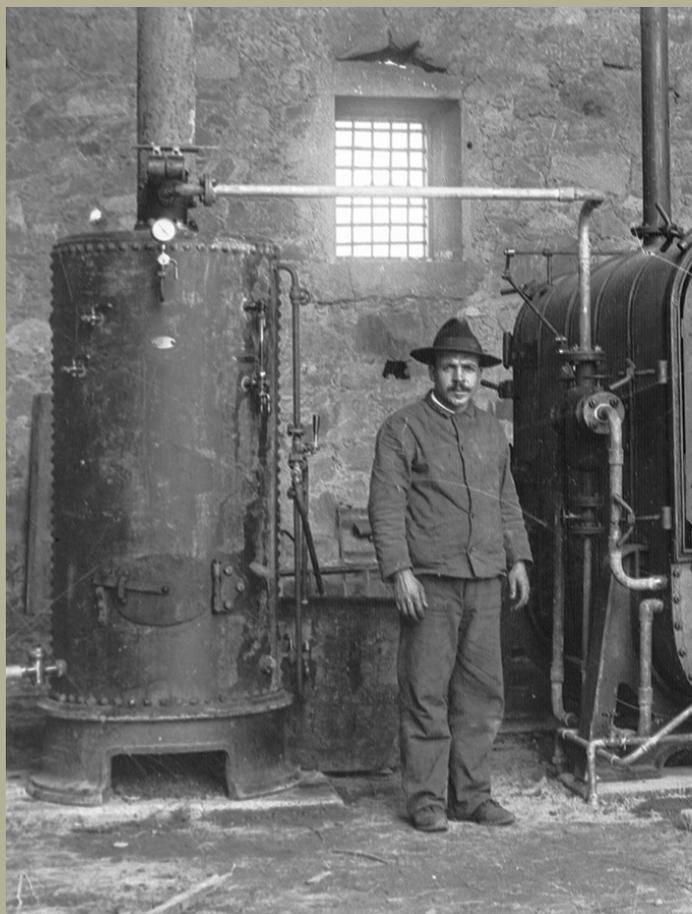


Imagem 03: Recorte e ampliação da fotografia, onde é possível verificar a qualidade da resolução da imagem.

Fotos do arquivo da APAI, editas por Nuno Almendra.
Página web da biblioteca, [clique aqui](#)

METALOMECÂNICAS DA COMPANHIA ALIANÇA (PORTO) – AS FUNDIÇÕES DE MASSARELOS E DO OURO NO ACERVO FOTOGRÁFICO DA APAI

Parte I - Um conjunto de chapas fotográficas na história da APAI

No acervo fotográfico da APAI sobressai o núcleo que pertenceu à Fundação do Ouro, no Porto. Estas chapas foram cedidas entre 1983-1984 à Comissão Organizadora das Exposições de Arqueologia Industrial (COAI) para a exposição que o IPPC estava a organizar e que teve lugar na Central Tejo, em 1985, intitulada «*Arqueologia Industrial. Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender*». Com o fecho da Exposição integraram o Centro de Documentação da COAI, que ainda funcionou, inicialmente, numa instalação integrada no edifício na Casa das Máquinas da Central Tejo. Durante o ano de 1987, a documentação e a biblioteca da COAI foram transferidas para o Palácio da Ajuda e entregues ao Departamento de Arqueologia do IPPC. Entre 1986 e 1991, esteve em curso a criação de um Museu da Indústria e dos Transportes, objectivo defendido pela APAI, que nunca veio a concretizar-se. Existia um importante espólio de património industrial móvel (motores, máquinas, equipamentos, ferramentas, etc.), documentação vária, patentes de invenções portuguesas, fotografias e desenhos recolhidos durante e depois daquela exposição. A responsabilidade da sua guarda e protecção estava entregue ao IPPC, de acordo com o despacho n.º 36/84 do Ministério da Cultura, datado de 18 de Abril e publicado no Diário da República. O espólio dos objectos foi inicialmente guardado numa garagem da Carris, em Miraflares, e, uns anos depois (1996-1997), integrou o depósito de bens arqueológicos do Instituto Português do Património Arqueológico (IPPAR), situado nas antigas instalações militares das Oficinas Gerais de Material de Engenharia, do Ministério da Defesa. Como se tratava de objectos de um novo campo arqueológico, tiveram edifício próprio e integrados nos armazéns do Departamento de Arqueologia. Todos os objectos de carácter museológico foram inventariados e cuidadosamente arrumados na perspectiva de uma decisão de avanço do Museu da Indústria (Folgado, 1997, pp. 45-48).

No vórtice da construção do novo Museu dos Coches, o destino designado para o espólio presente naquelas oficinas, à guarda do novo instituto (IGESPAR), foi o lixo. Devido ao cuidado dos técnicos daquela instituição, os bens que estavam destinados ao Museu Industrial foram entregues a instituições museológicas de acolhimento, passando a fazer parte das suas colecções, como foi o caso do Museu da Cidade, em Lisboa, do Museu dos Lanifícios na Covilhã, do Museu do Ferro, em Moncorvo, entre outros. Este trabalho deveu-se a Deolinda Folgado, enquanto técnica superior do IGESPAR. Quanto à biblioteca, à colecção fotográfica e aos documentos de natureza cartográfica, foram entregues/oferecidos à entidade que vinha defendendo o Museu – a APAI. A iniciativa partiu do director do Departamento de Arqueologia, Fernando Real, dadas as dificuldades do seu tratamento e da sua guarda no Palácio da Ajuda. Assim a biblioteca da COAI e o acervo fotográfico passaram a integrar, doravante, a biblioteca e arquivo da APAI. Daquela exposição, apenas ficou no IGESPAR a documentação referente à exposição realizada na Central Tejo e sua gestão, a qual pertencia aos fundos arquivísticos da instituição.

A colecção das chapas fotográficas que pertenceram à Fundação do Ouro / Companhia da Aliança é composta de 14 negativos em vidro e cinco positivos diferentes, um total de 19 fotografias e imagens. Contêm aspectos de algumas instalações, moldes e objectos fabricados pelas duas fundições e metalomecânicas de Massarelos e do Ouro.

SOBRE O PATRIMÓNIO

METALOMECÂNICAS DA COMPANHIA ALIANÇA (PORTO) – AS FUNDIÇÕES DE MASSARELOS E DO OURO NO ACERVO FOTOGRÁFICO DA APAI

A APAI dispõe ainda de positivos mandados executar na época da preparação daquela exposição, sendo essa a razão por que foram reproduzidas algumas imagens dos negativos em vidro.

Como as chapas (negativos) e os positivos sem chapa de vidro têm um número e, por vezes, uma letra de identificação, colocados no topo superior esquerdo de cada imagem, é possível determinar duas séries distintas de clichés mandados executar pela Companhia Aliança. A numeração árabe identificava a série de imagens referentes a distintos assuntos e objectos, enquanto a aposição de uma letra relacionada com um número referia-se a aspectos complementares referentes às imagens ilustrativas da primeira série.

Em relação à série numérica, as fotografias em posse da APAI permitem afirmar que havia fotografias distintas, da n.º 1 à 39. Com toda a certeza que a Companhia Aliança devia ter mais chapas depois deste número, dada a dimensão industrial das duas instalações incorporadas na Companhia Aliança. Na realidade estas chapas tanto se referem à produção de uma como da outra fundição. Se tivermos apenas presente a série numérica, sem as letras, as chapas da APAI contém apenas 16 imagens distintas (uma da fachada da Fundição de Massarelos e quinze de bens industriais fabricados nas duas fundições), sendo possível indicar os produtos que foram fabricados pela Fundição do Ouro ou pela de Massarelos.

Portanto, na série numérica ficam a faltar pelo menos 23 negativos ou positivos que não constavam da colecção da APAI. Dos objectos conhecemos a foto de mais um, a reprodução em ferro da estátua de bronze de Afonso Henriques, da autoria de Soares dos Reis (1847-1889), erguida em Guimarães, em 1887, impresso num relatório de direcção da Companhia Aliança, sem número. Ambas foram fundidas em Massarelos. A estátua de ferro ganhou o Gran-Prix da Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908. Por sua vez a revista O Mundo Moderno, em Março de 1903, publicou três fotografias da Fundição de Massarelos, uma das quais está patente na colecção da APAI (n.º 1) e duas outras, que deviam fazer parte do acervo da empresa, onde mostram os interiores de duas oficinas de Massarelos.



Estátua de Afonso Henriques. Escultor Soares dos Reis. Ferro fundido. Obra entregue à Sociedade de Beneficência do Rio de Janeiro. 1908. In: Companhia Aliança. Relatório da Gerência. Porto: Typ. a vapor da Encyclopedica Portuguesa, 1909.

SOBRE O PATRIMÓNIO

METALOMECÂNICAS DA COMPANHIA ALIANÇA (PORTO) – AS FUNDIÇÕES DE MASSARELOS E DO OURO NO ACERVO FOTOGRÁFICO DA APAI

Quanto às fotos correspondentes à série alfabética, o número é também exíguo e impossível de calcular dada a exiguidade das existências da colecção da APAI, apenas cinco o todo.

Conhecemos, contudo, para o caso da locomóvel (n.º 9) uma outra imagem, que apresenta a mesma máquina mas do lado contrário à que figura na colecção da APAI. O quadro ao lado mostra as 19 fotografias que constam na colecção da APAI.

Apesar de constituir apenas um pequeno núcleo, a colecção da APAI é ainda assim significativa do ponto de vista documental e permite olhar para a história e o lugar das duas fundições na vida industrial, social e cultural do país, no período em que o levantamento fotográfico correspondente se efectuou.

Não temos informação de quem foi o fotógrafo, nem da data em que se realizou a tomada das imagens. As imagens existentes permitem-nos indiciar que houve clichés em diferentes momentos, porventura associados à conclusão das obras ou da sua instalação efectiva, sendo proposto o arco cronológico de 1880 a 1905, uma suposição da nossa parte para a execução da maioria dos clichés do acervo da APAI.

No próximo número da secção «Olhares sobre o Património» da Newsletter APAI vamos ver um pouco da história da Companhia Aliança e das duas fundições de que era proprietária. Na segunda parte falaremos das duas fábricas, para melhor podermos integrar as imagens em estudo e de seguida apresentaremos aspectos das suas produções em ferro, caldeiraria e serralharia mecânica, áreas que se especializaram e que lhes permitiu fabricar geradores de vapor (vulgo caldeiras) e máquinas a vapor da 1.ª industrialização.

Jorge Custódio | Coordenador do Projecto da Era da Energia a Vapor em Portugal (1820-1974).
Investigador integrado no IHC. Sócio da APAI.

Bibliografia/Webgrafia:

Folgado, Deolinda (1997). «Organização da Reserva de Arqueologia-Património Industrial do IPPAR». In: Al-Madan, II.ª série, n.º 6, Outubro. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 145-148.

Série N.º	Série Letra	Objeto Fotografado	Datação	Fabrico dos bens	Presença de Elementos Humano
1	----	Fundição de Massarelos. Aspetto geral	Antes de Março de 1903	-----	Adultos Jovens Crianças
3	----	Coreto de arquitetura do ferro			Um indivíduo
4	A	Fachada lateral da Ourivesaria Reis & Irmãos, Porto	1905	Companhia Aliança	Dois casais Um homem Crianças
4	C	Vista geral do molde em madeira para a fundição da frente de loja para a Ourivesaria Reis & Irmãos (busto feminino)	Cerca de 1904	-----	Não
4	D	Vista lateral do mesmo molde	Cerca de 1904	-----	Não
6	----	Fachada principal da Padaria Bijou, Porto	1902	F. Massarelos	Não
9	----	Locomóvel, vista do lado direito	1890	F. Massarelos	Meia figura de operário
13	----	Caldeira		F. Ouro	Meia figura humana de costas
13	A	Transporte da caldeira por estrada puxada por várias parelhas de bois	Cerca de 1898	-----	Vários boieiros e um rapaz em primeiro plano
14	----	Forno de estufa a vapor e respetiva caldeira vertical		-----	Dois operários
15	----	Aspetto da oficina e montagem de uma caldeira a vapor		F. Massarelos (?)	Três operários
16	----	Máquina a vapor vertical e respetiva caldeira vertical		F. Ouro	Um operário
22	----	Máquina para indústria têxtil			Um jovem segurando um pano branco para fazer contraste para a tomada do cliché
23	----	Biela manivela de uma máquina na oficina de serralharia mecânica			Oito operários
24	----	Máquina a vapor de uma das fundições			Maquinista
25	----	Máquina a vapor instalada numa das fundições	1898	F. Ouro	Não
27		Dois hidroextratores			Um técnico
39	A	Camioneta com vagão basculante			Motorista à janela do veículo
s/n	----	Guindaste	1880	F. Massarelos	Vultos humanos tremidos

PATRIMÓNIO

EM DESTAQUE

ARTE RELOJOEIRA RECONHECIDA PELA UNESCO E NO... ALENTEJO!

Desde os tempos medievais que o homem tem tido o fascínio do progresso da engenharia mecânica, e com ele a necessidade da gestão do tempo de forma mais eficiente, em detrimento da precisão “romântica” dos relógios de sol, de água ou de azeite. O desenvolvimento do relógio mecânico como ferramenta de medição do tempo social como hoje idealizamos remonta ao séc. XIV com os germânicos e outros países da Europa, essencialmente regiões católicas, criarem relógios para colocar nas torres das igrejas e castelos para darem as horas à comunidade, a fim de o povo honrar compromissos como ir à missa ou organizar os seus mercados locais.

O desenvolvimento da engenharia fez com que essas máquinas colossais, por vezes pesando centenas de quilos, viessem a reduzir as suas dimensões passando a criar relógios de mesa, e, mais recentemente... de pulso (já no Séc. XX). Mas nos “entretantos” nos inícios do séc. XIX – apogeu do império francês - houve uma região francesa fronteiriça com a Suíça - Jura - onde um grupo de relojeiros começa a produzir imponentes peças inspiradas nos relógios do maior império do mundo então o inglês, que tinha então a mais moderna e imponente indústria relojoeira no mundo.

No Jura, não existiam mais de 60 relojeiros no final de 1700's; mas em meados de 1800's estavam registados e reconhecidos mais de 600, ou seja, passou-se de “8 a 80” o que fez com os primeiros relógios que se destinavam a uma nova elite francesa que primava pela ostentação neoclássica com relógios “à grande e à francesa” passassem a optar por vertentes semi-industriais fazendo relógios em massa que passariam a ser exportados essencialmente para países europeus pois a oferta em quantidade passou a ser maior que a procura interna. Esta relojoaria mais focada em relógios de caixa alta ornamentadas foi seleção de muitas casas nobres e instituições, no entanto a genialidade dos seus fabricantes originou um produto quase sem precedentes tendo como base os mecanismos dos relógios: os autómatos. Estes mecanismos de admiração social tinham funções diversas, muitas vezes retratando mecanicamente profissões, animais ou gestos humanos. Hoje, mais de 200 anos depois, poucos génios relojeiros continuam a fazer tal arte relojoeira, consequentemente a UNESCO decidiu no final de 2020 inscrever a produção de relógios e de artefactos mecânicos tradicional da região francesa de Jura na Lista Representativa de Património Cultural Intangível da Humanidade. Estes mecanismos de admiração social tinham funções diversas, muitas vezes retratando mecanicamente profissões, animais ou gestos humanos.



PATRIMÓNIO

EM DESTAQUE

ARTE RELOJOEIRA RECONHECIDA PELA UNESCO E NO... ALENTEJO!

Hoje, mais de 200 anos depois, poucos génios relojoeiros continuam a fazer tal arte relojoeira, consequentemente a UNESCO decidiu no final de 2020 inscrever a produção de relógios e de artefactos mecânicos tradicional da região francesa de Jura na Lista Representativa de Património Cultural Intangível da Humanidade. Não na arte de produção, mas numa arte também de merecido reconhecimento – a conservação e restauro – no Alentejo existe desde 1995 uma instituição privada que tem procurado eternizar não só o seu acervo como os relógios de particulares, colecionadores e instituições. O Museu do Relógio (MR), sediado em Serpa e com um polo na cidade de Évora, tem no seu acervo mais de 2.700 relógios mecânicos, desde 1630 até 2020, incluindo os “Contoise” ou “Morez” produzidos em Jura, em perfeito estado de funcionamento e expostos ao público.

Mas é na Oficina de Restauro do Museu que muitos deles “ressuscitam”, depois de décadas parados ou em sótãos, levados até ao Museu pelos seus proprietários (privados ou mesmo fundações e empresas) e restaurados para procurarem ficar como no dia em que saíram de França, ou conforme desejo do seu feliz contemplado, para posteriormente serem eternizados no seu seio familiar ou instituição quando se tratam de fundações, empresas ou entidades públicas que recorrem aos serviços do Museu do Relógio (MR).

Visite o site do museu [aqui](#).

Eugénio Tavares d’Almeida | Diretor do Museu do Relógio



PATRIMÓNIO

EXPOSIÇÕES

A FERRO E FOGO SOREFAME E COMETNA

Entre 26 de setembro de 2020 e 8 de maio de 2022 estará patente no Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira, na Amadora, a exposição “A Ferro e Fogo: Cometna e Sorefame” que pretende dar a conhecer a história de duas das empresas da indústria metalúrgica e metalomecânica pesada que, no século XX, laboraram na zona fabril da Venda Nova, e cujo legado constitui uma das vertentes mais importantes do Património Industrial do Município. A Coordenação é de Gisela Encarnação, e a Investigação e Textos de Gabriela Xavier. Em adição à exposição, salientamos ainda o interessante guia então publicado, que apresenta a evolução e história destas duas empresas, acompanhado de diversas ilustrações e fotografias históricas. Na introdução deste guia encontramos o texto introdutório intitulado “A Sorefame e a Cometna da Amadora – Duas indústrias metalomecânicas ‘modernas’ na história industrial de Portugal”, da autoria de Jorge Custódio (pp. 4-19), que enquadram histórica e tecnologicamente estas unidades no panorama nacional e internacional. Para além de ilustrativas do modelo de urbanização industrial que se começa a instituir na primeira metade do século XX, fruto de uma nova visão de planeamento urbano, com um modelo próprio de organização industrial e estrutura produtiva, é também de destaque o seu papel social, na vida dos trabalhadores e dos habitantes da cidade.

Leonor Medeiros

Mais informações: [Clique aqui](#)



A FERRO E FOGO
SOREFAME E COMETNA

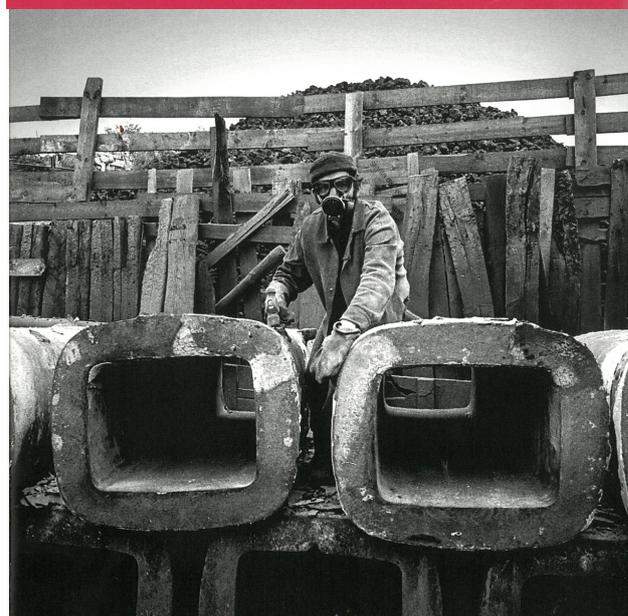
26/09/2020 – 08/05/2022
MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA
NÚCLEO MUSEOGRÁFICO DO CASAL DA FALAGUEIRA

AMADORA
Câmara Municipal

Índice

- 04 A SOREFAME E A COMETNA DA AMADORA
Duas indústrias metalomecânicas «modernas»
na história industrial de Portugal
por Jorge Custódio
Investigador integrado no Instituto de História Contemporânea e membro do Conselho Científico da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial
- 20 A FERRO E FOGO SOREFAME E COMETNA
- 22 OS FUNDADORES
- 26 SOREFAME
 - 28 CRONOLOGIA
 - 34 ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E ESTRUTURA PRODUTIVA
 - 35 PRODUTOS
 - 39 OS TRABALHADORES
- 42 COMETNA
 - 44 CRONOLOGIA
 - 48 ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E ESTRUTURA PRODUTIVA
 - 50 PRODUTOS
- 52 BIBLIOGRAFIA / FONTES
- 53 FICHA TÉCNICA

Metalúrgica COMETNA,
reabertura de Ingosteiras, 1977.
© Arquivo CMLA



PROJETOS DE ESTUDO

A FÁBRICA DE GARRAFAS DA MARTINGANÇA

A Iberonorma – Estruturas e acessórios para moldes, Lda, constitui um caso de estudo. A Iberonorma veio a ocupar, em 1978, as instalações da antiga fábrica de Garrafas da Martingança. A sua adaptação de fábrica de vidro a fábrica de moldes constitui um dos melhores exemplos no âmbito da preservação de um imóvel industrial a nível regional.

A fábrica de garrafas da Martingança foi fundada em 1923 pela Companhia de Cerveja Estrela e pela Vidago & Pedras Salgadas com o objectivo de fabricar garrafas em vidro. Apesar de construída e equipada, a fábrica não laborou até 1944. Em 1943, a fábrica foi autorizada a laborar, implementando 13 máquinas semiautomáticas e um forno a tanque. Estima-se que a sua produção atingisse os 4 milhões de garrafas por ano, sendo a maior produtora garrafeira do final da década de 40. A sociedade sofre alterações no início da década de 50, acabando por ser dissolvida em 1955. Em 1978 as instalações foram vendidas para aí se estabelecer a Iberonorma. Será graças ao seu sócio gerente, João Eusébio, que assistimos ao que podemos chamar, no âmbito regional, de pioneirismo no âmbito de adaptação e valorização de um edifício industrial existente. O vigamento de madeira do suporte do telhado, a cisterna de água, a chaminé e todas as paredes interiores e exteriores são mantidas e restauradas. No subsolo, encontramos, na íntegra e bem preservado, um conjunto de condutas e galerias subterrâneas que correspondem às galerias de visita e condutas dos gasogénios, localizadas no piso inferior do primitivo forno. Seria por estas condutas que o gás, produzido nos gasogénios no exterior do edifício principal, chegava ao forno e, por outras condutas, os fumos eram expelidos para a chaminé.

Na viragem do milénio, a necessidade de elevar em altura a ala nascente, conduziu à substituição do telhado tradicional por vigamento e telha em metal, utilizando, igualmente, o metal na ampliação em altura, criando, curiosamente, uma combinação harmoniosa, entre o antigo e o moderno, a cerâmica e o metal. Pelo risco de derrocada, parte da chaminé é demolida, mantendo-se o segmento inferior a mesma. O telheiro dos gasogénios, devido ao seu estado de degradação e localização, uma vez que dificultava a manobra de veículos pesados, deliberou-se pela sua integral demolição para a construção do actual parque de estacionamento.

A Iberonorma, constituiu um caso de estudo no âmbito da preservação, valorização e adaptação de um edifício industrial. Ao se adaptar, preservar e restaurar o edifício, estamos a contribuir para o reforço da identidade e da memória colectiva da população local. As sóbrias instalações, em tijolo e telha, com a sua tradicional arquitectura, a chaminé, as condutas e galerias subterrâneas, a cisterna da água e até os muros que circundam os edifícios fabris, constituem um caso excepcional no âmbito da preservação de Património Industrial em Portugal.

Tiago Inácio | Investigador, sócio da APAI



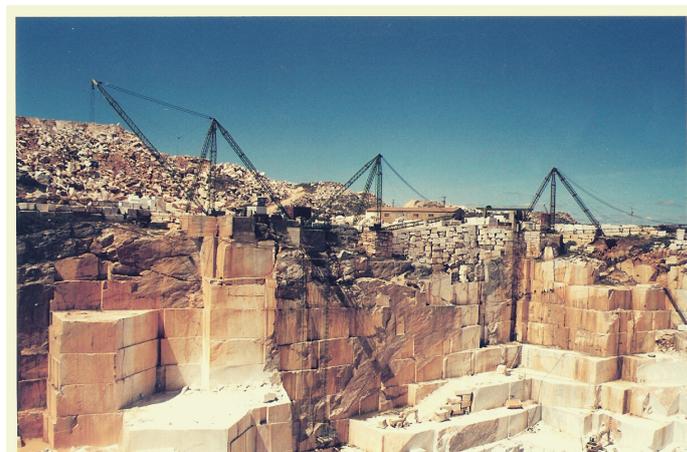
Vigamento em Madeira | Imagem: Nuno Alves, 2019.

TRABALHOS ACADÉMICOS

PROJECTOS E ESTUDOS

OS MÁRMORES DO ALENTEJO: INDÚSTRIA, HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

A zona dos mármore do Alentejo, que abrange os concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa, constitui a maior jazida portuguesa de mármore de elevada qualidade, configurando-se hoje, como uma das mais emblemáticas ao nível mundial. A sua cultura milenar, com uma exploração que já provem da época romana, baseada no trabalho, nas técnicas e nas relações sociais, alcançou um outro nível com a modernização industrial dos séculos XIX e XX, durante a qual, com a introdução de máquinas e novos conhecimentos, se alteraram profundamente os processos de extracção e de transformação desta rocha ornamental. Desta forma, o estudo da História da Indústria dos Mármore, que tem vindo a revelar a evolução desta indústria bem como grande parte dos seus actores e intervenientes, tem possibilitado também conhecer o imenso património cultural produzido por esta actividade, quer por intermédio das obras artísticas realizadas, ao nível da escultura e arquitectura, como também ao nível da própria exploração, com a mecanização, as empresas, as marcas e impactos no território e ainda com as relações de emprego e ofícios tradicionais. Todo este imenso património, constitui uma marca de identidade da zona dos mármore e o seu estudo, tem possibilitado a estruturação de actividades culturais e turísticas em torno do mesmo, que funcionam não só como uma diversificação da actividade económica do próprio sector, como também enquanto ferramenta de divulgação do território e de discussão cívica sobre a organização do mesmo.



Armando Quintas
Doutorado em História (Estudos do Património) e membro do
CIDEHUS (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e
Sociedades) Universidade de Évora.

[Mais informações:](#)
[Site do CECHAP](#)
[Portefólio do CECHAP](#)
[Site da Rota do Mármore](#)
[Portal História da Indústria do Mármore](#)
[Filme do PHIM - património e história da indústria dos mármore](#)

AGENDA

VIII CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE O PATRIMONIO INDUSTRIAL

Nuevos contextos y desafíos en la gestión patrimonial.

Modalidade Virtual 12 a 14 de maio de 2021

V ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E SUA MUSEOLOGIA

Guimarães, 10-11 de julho de 2021

Submissão de resumos: até 31 de maio de 2021, para appi.dir@gmail.com.

18º CONGRESSO DO TICCIH - 2021 - ADIADO PARA 2022!

Montréal, 28 de agosto a 3 de setembro de 2022

Theme: Industrial Heritage Reloaded

XXIII JORNADAS INTERNACIONALES DE PATRIMONIO INDUSTRIAL - "PATRIONIO CON GUSTO"

28 de setembro a 2 de outubro de 2021

EUROPEAN ROUTE OF INDUSTRIAL HERITAGE (ERIH)

The tourism information network of industrial heritage in Europe

The 17th ERIH Annual Conference, 6 - 8 October 2021.

Local: Museum of Industry, Ghent (B)

8º CONGRESSO DE HISTÓRIA FERROVIÁRIA

Associação Ibérica de História Ferroviária

Lisboa, 27, 28 e 29 de outubro de 2021

II JORNADAS IBEROAMERICANAS DE JÓVENES INVESTIGADORES EN PATRIMONIO INDUSTRIAL

Concepción (Chile) del 8 al 13 de noviembre de 2021, virtualmente.

Data para submissão de resumos - 30 abril 2021

ASSOCIATION FOR THE HISTORY OF TRANSPORT, TRAFFIC AND MOBILITY - T2M

3 a 5 de novembro de 2021. O congresso será online, podendo passar a presencial se as condições sanitárias o permitirem.

A submissão de RESUMOS realiza-se até dia 30 de abril. Mais informações no [site](#).

CINECARRIL

Festival de 12 sessões ao longo do ano de 2021 em celebração ao Ano Europeu do Transporte Ferroviário.

Mais informações [aqui](#).

Confira outros eventos no website da APAI, [clique aqui](#)



AGENDA

Património Mineiro I Ciclo de Seminários

Decorre, desde dezembro p.p., o seminário mensal online que a **APAI**, com a colaboração dos seus associados e outros convidados, tem vindo a organizar, com foco nas memórias, património e experiências museológicas no domínio da exploração e transformação dos recursos minerais. Os próximos seminários abordam-se o turismo mineiro, o estudo e a exploração de de minas de ouro romanas. O ciclo encerra em junho, com todos os palestrantes em torno do projeto "Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal".

"MINA DO ALEMÃO", RECUPERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.

Um projeto de turismo mineiro, ambiental e rural.

Luís António Sabido, Quinta das Minas da Recheira (Barco - Covilhã), 6 de abril.

[Link de acesso.](#)

"COMPLEXO FOJO DAS POMBAS – UMA ESTRUTURA DE REFERÊNCIA DO COMPLEXO MINEIRO ROMANO SUBTERRÂNEO DE VALONGO".

Vítor Gandra e João Moutinho ALTO RELEVO, Valongo, 6 de maio. [Link de acesso.](#)

Encerramento

"O PROJETO ROTEIRO DAS MINAS E PONTOS DE INTERESSE MINEIRO E GEOLÓGICO DE PORTUGAL".

Patrícia Falé e Bernardo Lemos. DGEG – Direção Geral de Energia e Geologia, 8 de junho. [Link de acesso.](#)

Bibliografia complementar das sessões anteriores:

["Património geológico e mineiro de uma antiga mina na Faixa Piritosa Ibérica. Lousal, Portugal"](#)

["Os Recursos Geológicos e o Património Industrial Mineiro de Trás-os-Montes"](#)

["Recursos Geológicos de Trás-os-Montes"](#)

[Portal História e Património da Indústria dos Mármore](#)

[Património e História da indústria dos mármore](#)

Os seminários que já decorreram podem ser visualizados através do canal da APAI no [Youtube](#)



NOVOS SÓCIOS

Neste primeiro trimestre de 2021, a APAI deu as boas-vindas aos seguintes novos sócios:

Alexandra Batista | Sandra Sofia Lopes Pereira | Hugo Miguel Antunes Ribeiro | João Paulo Meixedo Rui Oliveira | Sara Inês Silva | Maria da Graça Neto Lopes | Ana Rute Faísca | Camilo Ramón Rodriguez Issel Guerrero Bermúdez | Adolfo Silveira Martins | Maria Teresa Rivera.

ESTE ESPAÇO TAMBÉM É SEU

PARTILHE AS SUAS NOTÍCIAS

apai.secretariado@gmail.com